

## O terceiro número de Espectro tem início com justa homenagem

Antônio Jayro da Fonseca Motta Fagundes<sup>1</sup>

Em homenagem à Profa. Dra. Carolina de Martuscelli Bori, paulistana nascida aos 4 de janeiro de 1924, Professora Emérita do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Espectro inicia o lançamento do seu terceiro número, no mês em que ela completaria 100 anos de uma existência profícua, em prol da ciência e educação no Brasil, em particular, da psicologia. Por exemplo, liderando campanhas pelo currículo mínimo da graduação em psicologia, pelo exercício profissional do psicólogo e a implantação de cursos de pós-graduação nesse setor. Tendo em vista suas contribuições na área, quando foi criado o Conselho Regional de Psicologia, Carolina recebeu o registro número 1, primeiro a ser expedido pelo CRP. (<https://dotlib.com/blog/conheca-as-pioneiras-da-ciencia-no-brasil-parte-2>).

Carolina é figura pioneira e incontestada, em Psicologia e Educação, como se pode ver no recente Memorial lançado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da qual foi a primeira mulher presidente (<https://memorialcarolinabori.sbpcnet.org.br/>), além de ter atuado em vários cargos de diretoria da SBPC, por muitos anos.

Ela está merecidamente lembrada em homenagens permanentes, no nome de alguns sites importantes, como é o caso da Plataforma Carolina Bori, do Ministério de Educação (<https://plataformacarolinabori.mec.gov.br/>),

do Instituto LAHMIEI-Autismo da Universidade Federal de São Carlos (Plataforma Bori), da Agência Bori, um serviço de imprensa que conecta a ciência brasileira a jornalistas de todas as áreas de cobertura (<https://abori.com.br/>).

Seu nome também está indelevelmente lembrado em edifícios acadêmicos, do Instituto de Psicologia da USP e do Instituto LAHMIEI-Autismo, da Universidade Federal de São Carlos; bem como no Prêmio Carolina Bori Ciência & Mulher, da SBPC, para cientistas mulheres renomadas ou promissoras em início de carreira (<https://portal.sbpcnet.org.br/premio-carolina-bori-cienciamulher/>).

A Dra. Carolina está indiscutivelmente ligada à Universidade Federal de São Carlos, por ter sido cofundadora, em 1977, e ter ministrado cursos no que se tornou o Programa de Pós-graduação em Educação Especial, que foi o primeiro do País, e até 2004 o único existente no Brasil, totalmente voltado para essa área.

Assim, no centenário da Dra. Carolina, é justo e indispensável que Espectro preste homenagem a ela, para o que foram convidados dois ex-alunos de pós e orientandos seus, que assinam os dois artigos que ora iniciam o número 3 da revista: Dr. Olavo Faria Galvão e Dr. Sílvio Paulo Botomé, aos quais agradecemos.

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos, Instituto LAHMIEI-Autismo. Editor ad hoc, ex-aluno de pós-graduação em Psicologia (Experimental) e orientando de mestrado e doutorado de Carolina M. Bori, tal qual os dois articulistas, ex-colegas de pós, que a homenageiam nesse número de Espectro.



## **HOMENAGEM**

### **Carolina Martuscelli Bori**

Sílvio Paulo Botomé<sup>1</sup>

Carolina M. Bori<sup>2</sup> é sinônimo de eternidade...

Pensar em Carolina M. Bori sempre me faz lembrar de um poema de Bertolt Brecht<sup>3</sup>...

“Há aqueles que lutam um dia e por isso são bons;  
Há aqueles que lutam muitos dias e por isso são muito bons;  
Há aqueles que lutam anos e são melhores ainda;  
Porém, há aqueles que lutam toda a vida; e esses são imprescindíveis.”

E, também sempre, a lembrança de Carolina me faz ir mais longe: há aqueles que deixam para os demais uma herança importante de luta pela vida. E esses, mesmo depois que nos deixam, permanecem imprescindíveis, muito além de suas vidas.

Carolina nos deixa realizações, instituições, contribuições humanas, uma cultura de ensino superior, de ciência como um esforço tipicamente humano para superar as adversidades, de convivência e de dedicação à construção de muitas

condições para ser possível, por todos nós, desenvolver uma vida que seja relevante e que seja realizada em esforços junto com outras pessoas.

Ela sempre foi uma profetiza... aquela que convoca para o futuro, para a realização, para os desafios que precisam ser enfrentados com esforços construtivos, mais do que apenas identificados ou reconhecidos. Ela convidava para realizar e verificar e, sempre que necessário, corrigir, aperfeiçoar e até recomeçar... Não deixava ficar abandonado o que importava, desafiando cada um a fazer alguma parte da construção necessária. A cada dia.

Em múltiplos momentos seus silêncios e esperas eram expectativas desafiadoras, a instaurar um vácuo para que ocupássemos com nossas contribuições por mais imperfeitas ou limitadas que fossem. Ela acolhia e questionava ou desafiava ainda mais. Se alguém resmungasse ou reclamasse, encontrava mais convocação e firmeza, com novos

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>2</sup> NE. A fonte da foto desse artigo é: <https://carolinabori.mec.gov.br/>

<sup>3</sup> NE. Esses versos fazem parte de *Svendborg Poems*, obra de Bertholt Brecht, publicada em 1939, versos que estão sobejamente presentes na internet, por exemplo, em [OS QUE LUTAM Há aqueles que lutam um... Bertolt Brecht - Pensador](#)

questionamentos para prosseguir. Não com pistas ou soluções fáceis, mas com mais clareza sobre o tamanho do desafio que era quase sempre maior do que imaginávamos. Carolina, antes de tudo, sempre foi convocação.

Quando a conheci... era um desafio a suposição de que ela era importante demais para aceitar um convite de primeiranistas de psicologia para uma palestra em uma “semana de psicologia organizada por estudantes<sup>4</sup>.” Ela, no entanto, recebeu o representante dos estudantes, escutou com atenção o projeto do qual a palestra faria parte em nossas atividades, tentando sermos sujeitos de nossa própria formação. Quando terminamos a exposição, ela simplesmente disse: “Aceito, eu vou!”. Na despedida deu-nos parabéns pela iniciativa e pelo plano de atividades da semana. Saímos de sua sala, surpresos e festivos. Tínhamos acabado de conhecer Carolina M. Bori.

Essa foi a primeira vez que a encontrei e, em seguida, a primeira que a vi falar para universitários cumprindo o que havia aceitado. Muitos anos depois revivi esse momento na Universidade de Brasília, acompanhando um debate em que ela questionou com firmeza as exposições dos outros dois psicólogos, participantes de uma mesa redonda, também em uma atividade promovida por estudantes. Foi memorável ver a firmeza e simplicidade com que provocava mais controvérsias e fazia desafios além do que os colegas já faziam e apresentavam. Ela não respondia a críticas para dar satisfações, ela

endossava e aumentava a crítica necessária. Frequentemente não sobrava muito de nossas crenças que antecipavam as perguntas que ela examinava e, geralmente, ampliava com seu exame.

Acompanhei seu trabalho durante vários anos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, nossa respeitada e querida SBPC. Foi sempre uma orientação de que a Ciência era serviço, era construir lucidez, era orientar o comportamento humano em relação à vida, às circunstâncias da vida e à organização da sociedade em que exercíamos essa mesma vida. Seus exames de pós-graduação sempre foram um exercício de reflexão como convocação para elaborarmos ainda, levarmos mais aspectos em conta, ampliarmos e avaliarmos nossos cálculos... Imersos em aferições de nossas contribuições, fazendo isso com expressões de encorajamento ou incentivo.

Aprendi com ela, cedo em minha formação de psicólogo, que dar nomes às atividades de alguém não era caracterizar comportamentos. Logo precisei descobrir a diferença entre esses dois conceitos. E a atividade humana, por exemplo, ficou no âmbito da fisiologia enquanto eu precisava ver e pensar no âmbito da psicologia, ao contextualizar no que e como aconteciam essas atividades e de que forma elas alteravam o que ocorria em seu entorno. Aprendi logo que uma definição de uma conduta humana não se reduz à sua estrutura ou a suas características, mas precisa contemplar o que ela,

---

<sup>4</sup> NE. Estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

efetivamente, produz no mundo em que ela é realizada.

Foi assim que fez sentido para mim o conceito de comportamento operante e o que representava definir uma realização por seus resultados. No âmbito da Psicologia o conceito de comportamento exigia sua contextualização e configuração no ambiente em que era realizado e o que transformava nesse ambiente. Isso era um salto enorme no entendimento tradicional de comportamento. Não se tratava de um outro conceito ou de outro tipo de comportamento, tratava-se de mais um aspecto a considerar e, talvez, ela insinuava, questionando, o aspecto mais importante para entender esse tipo de fenômeno.

Isso me levou, com uma boa dose de insegurança a princípio e, gradativamente, com esforço e dedicação, a entender e delimitar melhor o que significavam as características do ambiente, no qual operava, para a influência que tinham na atividade humana e que precisava ser entendida em muitas aspectos e dimensões. O mundo de cada um ficou mais claro como circunstância a ser desvendada e o comportamento como sendo um misterioso resultado dessas circunstâncias, incluindo o que o próprio mundo, que construíamos com ele, alterava essas circunstâncias. Isso não só nos fazia sermos construtores do mundo que tínhamos, mas uma parte integrante do mundo com que nos defrontávamos. Era uma maneira clara de examinar e avaliar nossa própria responsabilidade pelo mundo que encontrávamos. Não era mais possível ficar passível ou inerte, à espera de

uma formação para, um dia, “ser psicólogo” ou “ser cientista”. O que fazíamos já era conhecimento e era nosso próprio comportamento. Era possível tudo isso ser objeto de avaliação e de ciência.

As duas entidades, psicologia ou ciência, não existiam sem alguém fazê-las existir. E sua existência seria exatamente o que aconteceria como resultado, mesmo com múltiplas imperfeições, que conseguíssemos com nossos próprios comportamentos. Muitas vezes, sendo nossas miseráveis realizações limitadas e até contraproducentes. Para Carolina isso não era uma “condenação” ou razão para lastimar, desanimar ou desistir. Para ela esse era o núcleo da própria descoberta e de uma nova orientação para prosseguir na direção da construção de algo melhor.

Ela era não apenas uma convocação. Era um desafio ou uma exigência. Descobri precocemente, e configurei cada vez com mais clareza, que sua característica marcante era ser alguém que criava condições para que outros participassem da construção do mundo que estava sendo nosso próprio entorno. Aos poucos, também descobri que “o mundo” começava em nosso ambiente, com suas múltiplas possibilidades de prolongamento, extensão e complexidade. Mas sempre estava ao alcance de nossas mãos. Isso me fez voltar muitas vezes a examinar o conceito de comportamento operante como sendo a característica mais humana da atividade dos organismos: o que resulta de nossas atividades também é o que nos condena ou redime como condição para prosseguir com a vida e com sua construção.

Várias vezes a vi emocionada, acompanhando, até com lágrimas, esforços de superação e conflitos em torno do trabalho de conhecimento, de ensino, de trabalho na universidade. Não era sofrimento apenas, era enternecimento pelo que acontecia e estava sendo feito, às vezes, destruído, pelo comportamento de diferentes pessoas. E isso também me parecia ser marcante em Carolina: o envolvimento com a vida a seu redor, a cada momento. Como tantos outros, quem estava próximo ganhava um mundo que nem sempre percebia. Graças à presença de Carolina e seu perene afeto pela vida, o mundo que podíamos construir emanava de seu próprio comportamento, de suas questões, de seus gestos e até de seus silêncios.

Há pessoas que apenas a pronúncia de seu nome soa como uma homenagem e um agradecimento... Pelo muito que nos deram, pelo muito que construíram, pelo muito que nos ensinaram... Por tudo que nos deixaram como uma herança para vivermos melhor do que viveríamos sem elas nos terem feito tanto bem...

Lembro muito bem de Carolina definindo esperança: é muito mais do almejar e aguardar; é construir as condições para que seja possível realizar o que importa, o que é relevante para a vida. Aprendi que esperar era fazer, era comportamento de construção...

Carolina, como uma eternidade, permanece imprescindível! Mesmo que não esteja entre nós, de alguma forma, ela sempre estará.

### **Histórico do Artigo**

Recebido: 12/12/2023.

1ª Decisão: 13/12/2023.

Aprovado: 14/01/2024.

### **APA**

Botomé, P. S., (2024). Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, 3(1), 9-12.

### **ABNT**

BOTOMÉ, Paulo Sílvio. Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. **Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo**, v.3, n.1, p. 9-12, jan. 2024.



## **HOMENAGEM**

### **Carolina Martuscelli Bori**

Olavo Faria Galvão<sup>1</sup>

Tentativa de destacar algo da importância da Carolina M. Bori<sup>2</sup> para mim e para a Psicologia no Brasil.

Assim como cegos, que têm dificuldade para avaliar um elefante pelo tato, cada um daqueles que participaram com a Profa. Carolina M. Bori da história da ciência brasileira entre 1952 e 2004, cada um descreve uma parte com a qual teve contato, dessa enorme, em importância e influência, personalidade.

Em 2004 ela perdeu a vida, de teimosa, como interpreto, pois não separava o tempo necessário para cuidar-se. Também não cuidou de registrar, na Plataforma Lattes, parte de suas atividades, tais como orientações concluídas de mestrado e doutorado, intercâmbios, participações em eventos, comissões, livros traduzidos e prêmios, para citar algumas omissões (lembro-me dela declarando, durante o XIII Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), atualmente Associação Brasileira de Ciências do Comportamento, em

Campinas, seu gosto pelo feijão, item proibido porque lhe fazia mal sempre que comia).

Para tentar compor este texto, entretanto, usando a internet, abri vários textos sobre ela, já conhecidos por mim ou não, imaginando ser possível conhecer mais a Profa. Carolina, não pelo tato, mas pelos textos disponíveis. Lendo alguns depoimentos presentes no volume especial da revista Psicologia USP, de 1999 e dois artigos do volume especial da Psicologia: Teoria e Pesquisa, Número Especial de 2007, a saber: Feitosa (2007) e Botomé (2007).

Cândido & Massimi (2016) me parece uma excelente porta de entrada para quem como eu quer fazer uma imagem mais completa da pessoa que abriu os caminhos que eventualmente trilhei e trilho. Creio que muitos analistas do comportamento compartilham comigo imagem semelhante da importância da Mestre Carolina. Muitos mais não de compartilhar ao se informarem da

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento (PPGNC), Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento (NTPC), Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Carolina Martuscelli Bori no XIII Encontro da ABPMC e II International Meeting of the Association for Behavior Analysis, em agosto de 2004. Foto copiada da página da ABPMC em 12/12/2023.

participação dela na história da Ciência no Brasil.

Destaco o artigo de Botomé (2007), que transcreveu e editou as palavras faladas pela Profa. Carolina em uma mesa redonda sobre “A pesquisa no Brasil: problemas e soluções”, ocorrida em outubro de 1984, pela importância do tema e a raridade de trazer para o leitor o contato com o discurso que reúne afirmações articuladas construindo aspectos necessários de uma agenda para a ciência no Brasil. Ao mesmo tempo, o artigo é um exercício cuidadoso de tratamento de uma fala, com assentimento e colaboração da própria Carolina. Obrigado, Sílvio!

Segue um excerto que considero uma isca para quem quiser saber mais sobre o comportamento verbal de uma analista do comportamento, opinando sobre a necessidade dos pesquisadores da Psicologia participarem da construção da ciência no Brasil.

... parece valer a pena examinar algumas considerações sobre a participação da Psicologia nas discussões sobre a Ciência no Brasil. Talvez nessas discussões não esteja existindo a contribuição da Psicologia, perdendo, os pesquisadores dessa área, a possibilidade de acompanhar os debates e decisões, deixando de participar, com sua presença e sua voz, no que define os destinos e características da Ciência no País. (Bori, 1984, apud Botomé, 2007, p. 31).

Minhas interações com a Profa. Carolina foram com frequência em reuniões científicas. Na Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP), de 1971 até 1992 quando a SBP foi transformada na Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), da qual a Carolina foi a

primeira

Presidente

(<https://www.sbponline.org.br/historico>)

e na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em algumas reuniões das quais participei. Em uma reunião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) estava em discussão as áreas da Psicologia no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e eu fiz uma análise das áreas, mostrando que haviam chaves de classificação independentes, que tornavam as áreas definidas, em última análise, pela sua relevância e sua identidade historicamente constituída. Algumas áreas estavam definidas pelo objeto de estudo, como Psicologia da Educação, outras pelo método de estudo, como Psicologia Experimental, outras pela teoria, como Psicologia da Gestalt. Ainda hoje as dezenas de denominações utilizadas acabam sendo alocadas em quatro grupos no CNPq, onde os Comitês Assesores são diminutos e na CAPES em um número maior de áreas formadas por algum tipo de proximidade entre si. Mostrei à Profa. Carolina sugerindo que se fizesse uma proposta de classificação com critérios claros e acabei desistindo de apresentar, porque não há um critério além da auto declaração de pertinência, muito mais histórico-política do que lógica-técnica-acadêmica. E tudo continua hoje como há 30 anos. A própria Universidade de São Paulo (USP) continua com seus cursos de Psicologia Experimental, Social, Escolar (que difere de Educacional!?) e Clínica e os estudantes e pesquisadores se afiliam a

laboratórios, sem uma árvore genealógica, com vinculações mais ou menos correspondentes às divisões das sociedades científicas.

Ao entrar na Universidade de Brasília (UnB) para cursar Psicologia, em 1970, eu não sabia que o curso no qual me formaria havia sido fundado sob a liderança dela, e que parte dos meus professores haviam sido formados pelo que restou do Departamento de Psicologia após a "saída dos 200" professores da UnB em 1964, em protesto pela demissão e perseguição política encetada pelo governo militar, por meio de seus agentes infiltrados. Os mestres em Psicologia formados na UnB entre 1964 e 1968 tiveram, todos, sua formação em análise do comportamento e com vários deles, contratados como professores, eu estudei em 1971 e 1972. O ano de 1970 foi dedicado a disciplinas básicas do Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

Em 1971 Beth, a Elizabeth Tunes, e Evandro Mauro foram cursar a pós-graduação na Psicologia Experimental da USP, ambos sob orientação da Carolina, mas a Beth estava sempre em Brasília, trazendo notícias do B10<sup>3</sup>.

Conheci a Profa. Carolina na entrevista de seleção para o mestrado em Psicologia Experimental em 1973. Não fui selecionado.

Em 1974 candidatei-me de novo e fui aceito na Psicologia Experimental da USP, indo para São Paulo fazer pós-graduação, orientado pela Profa. Carolina Bori. Consegui uma bolsa da CAPES e logo comecei a dar aulas à noite para completar

o orçamento. A inflação galopante da época corroía o "poder" aquisitivo da bolsa, tornando difícil sobreviver só com ela. No final de 1975, tendo terminado os créditos em disciplinas, planejava ir, a convite de um colega do MEC, cearense, Evaristo Linhares, para a UFCE, quando a Profa. Carolina me ofereceu um lugar no Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar, que ela então dirigia. Fui para lá no primeiro semestre de 1976, e fiquei por três anos lecionando Psicologia da Educação: Aprendizagem, e também Desenvolvimento. Meu primeiro trabalho na UFSCar foi o de ser monitor em um curso programado de análise do comportamento para os instrutores de vôo da Academia da Força Aérea de Pirassununga. Em São Carlos, fiz a pesquisa e defendi o mestrado em 1978 (Galvão, 1978), artigo que pelos padrões de autoria deveria ser Galvão e Bori, mas a Carolina ficou apenas com as honras de orientadora, abstenção que ela adotou na maioria dos trabalhos que orientou ou coordenou (ver Pardo, 1979). No laboratório de análise experimental do comportamento da UFSCar, nessa época, faziam também suas respectivas pesquisas de doutorado Deisy de Souza e Júlio de Rose, com os quais mantive estreita colaboração que infelizmente não se traduziu em publicações (Galvão, 2006, p. 10).

No mestrado (1978) e no doutorado (1981), fiz pesquisa com esquema temporal de distribuição de reforços não contingentes, isto é, independentes do que o sujeito (rato branco) estivesse fazendo. Buscava desafiar a tese de que esse tipo de reforço gerava comportamentos supersticiosos. Staddon & Simmelhag (1971) se adiantaram e publicaram as evidências que eu estava pesquisando, mas, pelo menos, obtive dados que eram consistentes com

<sup>3</sup> NE. A denominação B10 era corrente para designar o décimo barracão, na Cidade Universitária da USP, no qual funcionava o Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP.



os deles e também eram contrários à hipótese da superstição. Carolina teve toda a paciência com minha dedicação à esse esquema de reforçamento.

Mas ao terminar o doutorado em 1981, já na Universidade Federal do Pará (UFPA) desde 1979, ela me sugeriu assumir a Secretaria Regional da SBPC em Belém. A 35ª Reunião Anual da SBPC iria ocorrer de 6 a 13 de julho de 1983 na UFPA, em Belém do Pará, com o Tema: "A questão amazônica". Assumi essa responsabilidade e só não foi melhor porque, na manhã do primeiro dia, um ônibus atropelou, na entrada da UFPA, uma pesquisadora paulista que ficou hospitalizada por todos os dias da reunião, vindo a falecer no último dia. A equipe da secretaria foi essencial para, além de todos os pepinos, atender a tudo que foi preciso fazer para o atendimento da professora e família.

Por essa época, o governo militar malmente mantinha a universidade pública, e pesquisa não tinha financiamento para um jovem pesquisador. Passei a estudar a alfabetização de adultos em uma espécie de pesquisa-ação. Um artigo foi publicado (Galvão, 1983) e uma dissertação foi concluída, que guardo com carinho para um dia publicar, apesar de ter perdido o contato da autora da dissertação, Márcia Pereira de Oliveira (Oliveira, 1999). Assim, me dediquei ao estudo do comportamento humano ao longo dos anos 1980. Participei como orientador de estudos sobre o comportamento de fazer contas e, por meio da Carolina Lampréia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) conheci o trabalho do Vigotsky, e

repliquei um estudo dele (Galvão, et al., 1990; Galvão et al., 2007).

A convite da Carolina, participei do Seminário sobre o Comportamento Verbal, ocorrido em Águas de Lindoia, em 1987. Recebi a incumbência de comentar um dos artigos apresentados, mas meus comentários, feitos em um inglês sofrido, foram destruídos pelo avaliador. Nesse encontro conheci o Professor Murray Sidman, e ele se dispôs a aceitar-me para um estágio de pós-doutorado. Essa combinação só se realizou em 1990.

### **Atuação fundamental**

"... a atuação fundamental de Carolina Bori é em Análise do Comportamento: ela marcou e foi marcada por essa área de investigação profundamente. Essa influência se deu, principalmente, através de duas linhas de pesquisa: programação de ensino e análise de relatos verbais - áreas marcadas indelevelmente pelo "estilo Bori", para usar as palavras de nossa saudosa colega Lígia M. C. Marcondes Machado..." (Carvalho et al., 1998, p. 21).

O desenvolvimento dos estudos sobre programação de ensino no Brasil também tem gerado contribuições teóricas importantes e diversificadas. A mais fundamental de todas foi introduzida pela própria Carolina e diz respeito ao conceito de programação de ensino. Sua contribuição foi no sentido de perceber com clareza e divulgar, através das diversas vias de atuação a que me referi, a idéia de que o formato tradicional dos cursos programados individualizados tal como proposto no Plano Keller - progressão do aluno em pequenos passos; respeito ao ritmo próprio do aluno; previsão de consequências a cada passo, entre outras características - não constituía o mais importante, o essencial: era, antes, uma alternativa de disposição de contingências de ensino [...] Carolina provavelmente foi a primeira pesquisadora a reconhecer que o

fundamental era, partindo da análise dos objetivos propostos, planejar atividades como recurso para o ensino de habilidades, conhecimentos, métodos etc e planejar contingências e procedimentos para o ensino dessas habilidades. As contingências deveriam derivar da própria análise das atividades e habilidades envolvidas na consecução dos objetivos... (Nale, 1998, pp. 285-286)

### **Da Psicologia para a ciência**

A Profa. Carolina esteve sempre à frente de lutas para constituir a ciência no Brasil. Ainda na década de 1950, antes de interdisciplinaridade ser um tema, ela participou de projetos de pesquisa interdisciplinares (Queiroz, 1998). Atuou em diversas sociedades científicas. Na Psicologia da SBP e da ANPEPP, na ciência, da SBPC. E sua participação ia muito além da apresentação de trabalhos de pesquisa focais. Participou da criação da SBP e da ANPEPP e da redação de seus regimentos, para dar a elas um caráter representativo e reivindicativo, além de associativo e de progressista.

A citação a seguir faz todo sentido porque Carolina e Ennio Candotti foram colegas de diretoria da SBPC, por diversos mandatos. Carolina de 1973 a 1983 e de 1985 a 1989. De 1987 a 1989, Carolina presidiu a SBPC com Ennio como seu Vice-Presidente. Ela tornou-se Presidente de Honra e Ennio assumiu a Presidência de 1989 a 1993. As "visões" de Ennio Candotti tiveram na Carolina uma batalhadora, que me recrutou para auxiliar na luta pela criação do Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia, na Constituição do Estado do Pará.

Ennio tornou-se membro da SBPC em 1974, e desde então, nunca deixou de participar desta entidade, com entusiasmo

e afinco. Foi conselheiro, vice-presidente, e ao longo de suas quatro gestões como presidente da SBPC, Candotti desempenhou com habilidade seu papel de liderança. Soube sempre colocar as causas maiores da ciência e da democracia acima de eventuais divergências. O primeiro pedido de impeachment de Collor partiu das articulações dele com a comunidade científica e organizações sociais. Também foram visões suas a expansão da rede de Fundações de Amparo à Pesquisa por todos os estados brasileiros e a criação de publicações marcantes, como a Ciência Hoje e a Ciência Hoje das Crianças. Seus esforços incansáveis deixam um legado sólido, um testemunho da importância da ciência e da educação como pilares fundamentais para o progresso e o desenvolvimento justo e sustentável de nosso País." (Ribeiro, 2023).

Em todas as instituições com as quais contribuiu, Carolina marcou sua presença e fez toda a diferença. Mestre na arte do diálogo, sabia ouvir e opinar sobre o que ouvia, com foco na ação e o discurso como suporte.

Os profissionais que o País necessita para resolver os seus problemas precisam ser profissionais formados em pesquisa. Devem ser profissionais com um lastro suficiente e adequado de formação científica (capazes de produzir conhecimento) necessária para atuar no País e não o profissional técnico formado de acordo com receitas e modelos que só fazem o País ficar mais apto como mercado para outras nações. É o que faz com que a Universidade e os pesquisadores em cada área sejam alijados dos processos de decisão. As concepções e receitas já vêm prontas e de fora..." (Bori, 1984, apud Botomé 2007, p. 54).

Bem a propósito da fala acima transcrita, cabe mencionar que quando a Profa. Carolina presidia a Comissão de Especialistas em Ensino Superior, junto à Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), fui indicado

como membro, tendo colaborado no período de 1996 a 1997.

Lá aprendi com ela uma distinção política entre a Psicologia enquanto ciência empírica e a profissão do Psicólogo. Essa distinção se estende aos papéis das sociedades científicas, por um lado, e dos conselhos ou ordens, que regulam o exercício profissional. Institucionalmente, a Universidade tem o papel de formar o futuro profissional com uma sólida formação científica e uma postura de investigador ao resolver problemas no curso de sua atuação profissional. Cuida da formação do psicólogo, cuja atuação decorre e se apoia nos avanços do conhecimento científico e nas tecnologias decorrentes de avanços científicos e tecnologias decorrentes. Mas a profissão tem um viés corporativo e a Ordem do Psicólogos do Brasil incessantemente busca interferir na formação acadêmica, diminuindo a formação científica em favor da formação de profissionais meramente técnicos. O discurso de Carolina (Bori, 1984, apud Botomé, 2007) na Comissão de Especialistas em Ensino Superior, em 1996, era a proposição de que as Diretrizes Curriculares do Curso de Psicologia determinam às universidades que forneçam, no curso de Psicologia, uma formação científica de tal maneira que o profissional não seja um seguidor de receitas e cumpridor de procedimentos, mas um investigador à procura de entender os problemas com que se defronta e procurar soluções adequadas.

### Referências

Botomé, S. P. (2007). Onde falta melhorar a pesquisa em Psicologia no Brasil sob

a ótica de Carolina Martuscelli Bori [Special issue]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 29-40. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500006>

Cândido, G. V., & Massimi, M. (2016). Psicologia como Ciência do Comportamento na atuação e obra de Carolina Martuscelli Bori: décadas de 1950 e 1960 [Número especial: Historia de las Ciencias del Comportamiento]. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento (RACC)*, 8(2), 30-38. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=333449322004>

Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Silva, M. I. R., Souza, D. G., & Machado, L. M. M. (in memoriam). (1998). Apresentação. *Psicologia USP*, 9(1), 19-23. <https://doi.org/10.1590/psicousp.v9i1.107728>

Feitosa, M. A. G. (2007). Doutora Honoris Causa Carolina Martuscelli Bori (1924-2004). Carolina Martuscelli Bori: sob o olhar de um Lattes a ser interpretado. [Número especial]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 25-28. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500005>

Galvão, O. F. (1978). O comportamento do rato branco em situações de reforçamento dependente e independente da resposta. *Psicologia*, 4(1), 77-116.

Galvão, O. F. (1983). Reflexões sobre a universidade e a alfabetização de adultos. *Educação & Sociedade (impresso)*, 6, 127-137.

Galvão, O. F. (2006). *Incorporando conceitos e descobertas à análise do comportamento*. [Concurso para Professor Titular, Universidade Federal do Pará].

<https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3206.3445>.

Galvão, O. F., Carmo, J. S., Nelson, T., Silva, L. S., & Oliveira, M. P. (2007). The role of naming in abstract conditional discrimination. *Ciências & Cognição (UFRJ)*, 10, 65-83. <https://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/623/405>

Galvão, O. F., Paracampo, C. C. P., Deus Neto, E. S., Figueiredo, J. B. L., Pontes, F. A. R., & Pereira, T. V. R. (1990). O efeito do feedback na resolução de problemas de formação de subconjuntos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(1), 37-54. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatp/article/view/17083>

Nale, N. (1998). Programação de ensino no Brasil: o papel de Carolina Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 275-301. <https://doi.org/10.1590/psicosp.v9i1.107804>

Oliveira, M. P. (1999). Análise do processo

de ensino e aprendizagem de leitura e escrita: o comportamento de atentar ao som das palavras. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Pará.

Pardo, M. B. L. (1979). Programa de contingências para treinamento de monitores: descrição e análise. *Psicologia*, 5(2), 41-108.

Queiroz, M. I. P. (1998). Uma cientista ímpar. Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 37-39. <https://doi.org/10.1590/psicosp.v9i1.107732>

Ribeiro, R. J. (2023, 8 de dezembro). Adeus, Ennio Candotti. *Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/adeus-ennio-candotti/>

Staddon, J. E., & Simmelhag, V. L. (1971). The "supersitition" experiment: a reexamination of its implications for the principles of adaptive behavior. *Psychological Review*, 78(1), 3-43.

### Histórico do Artigo

Recebido: 12/12/2023.

1ª Decisão: 13/12/2023.

Aprovado: 14/01/2024.

### APA

Galvão, O. F., (2024). Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. *Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo*, 3(1), 2-8.

### ABNT

GALVÃO, Olavo Faria. Homenagem a Carolina Martuscelli Bori. **Espectro - Revista Brasileira de Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo**, v.3, n.1, p. 2-8, jan. 2024.